

# SEXUALIDADE! DE QUEM É A RESPONSABILIDADE?

## Autores

---

Ana Graziela Stenico

Maria de Lourdes Hebling Mazzini

## 1. Introdução

---

Adolescência do latim (ad: a, para a + olescere: olere, crescer) indica um processo de crescimento, “segundo a OPS e a OMS, a adolescência constitui um processo fundamentalmente biológico de vivências orgânicas, no qual se aceleram o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrange a pré-adolescência (faixa etária de 10 a 14 anos) e a adolescência propriamente dita (dos 15 aos 19 anos)” (Adolescer, 2001, p. 19).

Assim, a adolescência é uma fase de muitas decisões, marcada também pela inserção no mercado de trabalho. Em meio há tantos conflitos, decisões e responsabilidades, esta fase é considerada muitas vezes pelos adultos como “aborrescência”. E ainda, por ser considerada uma fase tende a “passar”, não sendo fornecidas as devidas assistências, informações, atenções, entre outros recursos que auxiliariam no desenvolvimento dos adolescentes.

Isso reflete aos cuidados referentes a saúde do adolescente, principalmente no que concerne a prevenção, o que pode ser observado na pesquisa realizada em São Paulo em 1996 com 2.340 jovens de 12 a 24 anos, a qual revela que “apesar de os adolescentes pesquisados terem algum conhecimento sobre o uso dos métodos anticoncepcionais (86,7% sabiam para que servem os métodos), 70,1% não usaram nenhum método na primeira relação. Sessenta por cento deles nunca usavam camisinha e apenas 11% afirmaram tê-la usado na última relação” (OLIVEIRA, 1998 p. 56).

Esses dados podem estar atrelados, além do descaso mencionado, a uma série de fatores, tais como: desejo de viver com a pessoa amada, expressão de afirmação e desejo de sentir-se mulher/ homem, educação sexual insignificante, aumento da liberdade sexual feminina, diminuição da idade da menarca, oposição aos ideais dos pais, e até um certo pensamento mágico de que nada irá acontecer com ele(a).

Ainda sobre o “pensamento mágico”, este não é privilégio de quem está transitando da infância para a vida adulta. Os pais também o apresentam ao se convencerem de que “com a minha filha isso não vai acontecer”. Daí pode decorrer a ausência de informações sobre prevenção de gravidez, por parte dos pais. O contexto familiar pode influenciar na ocorrência da gravidez também de outras formas. A ausência de laços afetivos fortes na família e da atenção aos seus peculiares problemas e o sentimento de abandono podem levar a jovem a apoiar-se apenas no namorado. (OLIVEIRA, 1998, p. 61 e 62).

Segundo LUZ (1999), a família é o primeiro contato com o ambiente social, sendo neste contexto que ocorrem os primeiros ensaios, desafios, experiências que poderão posteriormente oferecer maiores possibilidades de posicionamento na sociedade. "Pois é no grupo familiar que ele aprende a conviver e onde estabelece as bases de sua formação" (p. 16).

Considerando a grande importância e a própria influência que o contexto do grupo familiar incide sobre o adolescente, os trabalhos com a educação sexual nesta fase de desenvolvimento devem estar articulados com a educação sexual dos pais. Pois muitas vezes as informações não são passadas devido à própria vergonha dos pais, o não saber o que falar, admitir que os filhos também possuem sexualidade e outros fatores que acabam dificultando o próprio desenvolvimento da identidade sexual do adolescente, bem como a busca de informações que propiciariam uma atividade sexual saudável.

Assim a educação sexual (compreendendo aqui como educação da sexualidade e não só o mero ato sexual), por muitas vezes é terceirizada para as escolas e postos de saúde. A família retira de si essa responsabilidade achando que a sexualidade é só uma questão de informação, não levando em consideração, segundo OLIVEIRA (1998), os seguintes pontos:

Desde a gestação, os pais imprimem seus valores sociais à educação da futura filha. As cores do quarto, os brinquedos, o vestuário etc. Romero (1995) apresenta pesquisa que revela que, já nos primeiros dias de vida, durante a amamentação, há distinção no tratamento entre os sexos e conseqüentes sanções e gratificações. Aos poucos, a criança aprenderá o valor simbólico de ter nascido mulher. "O ser humano aprende porque há quem o ensine, e esse ensino não é assexuado" (Romero, 1995, p. 238). A identificação com a mãe logo aparece nas brincadeiras. Ao brincar, a criança não apenas conhece-se a si própria, mas também aprende as normas sociais de comportamento, os hábitos determinados pela cultura; o jogo e a brincadeira são meios para a construção da sua identidade cultural (Chateau 1987, Lima 1991). Nessa construção, valores e expectativas dos pais determinam quais atitudes são adequadas ou não para a menina. Resumidamente, essas expectativas são de que "os homens sejam fortes, independentes, agressivos, competitivos e dominantes. Para as mulheres, a expectativa é de que sejam mais dependentes, sensíveis, afetuosas e que suprimam impulsos agressivos e sexuais" (Romero 1995, p. 243). A orientação sexual em casa muitas vezes resume-se a avisos ("eu estou te avisando...") (p. 58 e 59).

A influência cultural reflete em vários contextos, além da família, a escola também está permeada por ela. Assim segundo OLIVEIRA (1998) "ao ingressar na escola, estereótipos e expectativas (ou profecias auto-realizáveis) permeiam a relação professor(a) – aluno, confirmando ou reforçando aqueles advindos de casa. O grupo de iguais também exerce o efeito reforçador segundo suas expectativas de modelo masculino ou feminino. O processo de construção de identidade é iniciado na família, porém, a sociedade encarrega-se de sua manutenção" (p. 59).

## 2. Objetivos

---

Trabalhar concomitantemente família, adolescentes e professores, visando uma reflexão e revisão de conceitos, a cerca da sexualidade, possibilitando assim, uma redefinição de expectativas, mitos com relação à sexualidade e promovendo uma mediação para o diálogo entre os sujeitos envolvidos.

## 3. Desenvolvimento

---

**SUJEITOS:** Foram abordadas três populações ao mesmo tempo: Adolescentes, pais e professores provenientes de uma escola estadual da cidade de Piracicaba. Cada grupo ficou sob a responsabilidade de uma dupla de estagiárias de psicologia da Unimep e mais um profissional do parceiro CASAP (Centro de Atendimento a Saúde do Adolescente de Piracicaba). O grupo de adolescentes ficou sob a responsabilidade da autora e por isso será focado nesta apresentação.

· **Adolescentes:** Alunos pré-adolescentes com faixa etária entre 10 e 11 anos, das séries 5ª A, 5ª B, 5ª C de uma escola pública em questão. Totalizou-se em 17 os participantes, sendo que 59% do sexo masculino e 41% do sexo feminino.

### PROCEDIMENTOS

Inicialmente foi entregue uma carta de apresentação para os pais e adolescentes com o objetivo de explicitar o projeto, estabelecendo o prazo de 10 dias para a devolução e confirmação da participação conjunta com o aluno (requisito básico para a efetivação da participação do aluno no projeto).

Com os alunos foram propostos quatro encontros grupais, às terças-feiras, com duração de 50 minutos, abordando-se temas previamente definidos.

A estratégia básica de intervenção pautou-se na metodologia participativa, utilizando como instrumentos de apoio, entrevistas, dinâmicas de grupo e desenhos ilustrativos.

## 4. Resultados

---

1º Encontro: Descobrindo o próprio corpo

Iniciamos nos apresentando e posteriormente para que eles se apresentassem falando o nome, idade e o que mais gostavam de fazer.

Participantes:

- 7 meninas, mais inibidas e com seus gostos bastantes discrepantes, desde ficar na Internet no Messenger (bate-papo) até brincar de bonecas ou dormir.
- 10 meninos, mais falantes e participativos, de um modo geral tinham quase os mesmo gostos: futebol e Messenger.

Após as apresentações, explicamos os objetivos do trabalho e tentamos de certa forma delimitar um espaço diferenciado da sala de aula. Em seguida foi proposto a dinâmica do desenho invertido [\[1\]](#), todos participaram com bastante entusiasmo e interesse. De início ficaram surpresos quando souberam que poderiam “desenhar tudo”, isso incluía os órgãos genitais. Os meninos embora em maior número foram mais organizados e realizaram a tarefa com mais tranquilidade.

Após os desenhos abrimos para a discussão verificando se eles concordavam com o que estava desenhado e se mudariam alguma coisa ou acrescentariam. A discussão ficou mais entorno dos sentimentos que sentiam e onde sentiam. No meio dessa discussão um dos alunos perguntou:

Aluno: - “Dona, o que é tesão?”

Estagiária: - “O que você acha que é?”

Aluno: - “É um sentimento”

Estagiária: - “É isso mesmo, é um sentimento, mas como ele é?”

Aluno: - “Sei lá, a gente sente aqui”. (Esfrega intensamente os genitais).

Demais alunos: - “A gente sente um friozinho na espinha, na barriga...”

Trabalhamos em cima desse tema fazendo uma ponte entre sentimentos sensações e mudanças corporais tentando resgatar como eles se viam e se sentiam com relação a todas essas mudanças. Muitos disseram que na maioria das vezes eles “curtem” e que está sendo muito legal. No entanto, essas falas foram

predominantes nos meninos, as meninas não se colocaram.

Encerramos o encontro solicitando que eles fizessem uma espécie de entrevista com os pais, tentando resgatar como era o namoro ou mesmo como foram as mudanças corporais quando eles eram adolescentes.

· 2º Encontro: Gênero e mudanças de épocas e

· 3º Encontro: Transformações na adolescência (em virtude de contratempos institucionais as abordagens dos dois temas se deram em um encontro).

Iniciamos com uma retrospectiva do último encontro e solicitamos que apresentassem as entrevistas. No entanto, das três meninas que realizaram só uma quis relatar. No meio do relato disse que sua mãe casou com 21 anos e teve o primeiro filho com 22 anos.

Logo vieram os comentários: “Nossa que velha!”; “Ei, dona. O que é TPM?”.

Quando interrogados sobre o que eles imaginavam, não sabiam explicar. Então, aproveitamos este assunto para discutir gênero no sentido de que a irritação e agressividade não acontecem só com a mulher. Ilustramos que a presença dos hormônios faz o corpo transformar, como no caso da TPM e das transformações deles: espinhas, pelos. Mas que no caso da TPM há outros motivos para aumentar a irritação, um dos meninos diz: “É, ela fica assim, quando eu apronto”. Nota-se que há muitas distorções de informações e principalmente a utilização de certos estados como a TPM para justificar atitudes. “É minha mãe fala para nem chegar perto dela, porque ela ta com TPM”.

Ao explicar o corpo da mulher notamos que faltavam muitas informações, tais como: “Dona de onde vem à menstruação? É do estômago?”. “Dona. Os pais têm relação só para ter filhos?”. “Por quê, que quando eu vejo a playboy o meu pipi fica duro? Ele é feito de osso?”.

Fomos respondendo as perguntas que foram surgindo esse foi o movimento de todo o encontro. Notamos que alguns alunos solicitavam para ir ao banheiro supostamente estavam incomodados em discutir esses assuntos.

· 4º Encontro: Projeto de vida e avaliação dos encontros

O desenvolvimento do tema foi bem aceito pelos participantes que relataram seus sonhos e os movimentos precisos para adquiri-los, fizemos uma ligação com as transformações do corpo e a sexualidade, bem como a prevenção de doenças.

Logo em seguida foi entregue uma reflexão sobre projeto de vida sendo lida em grupo e discutida. Quando faltavam quinze minutos anunciamos o término dos encontros e solicitamos para que eles dissessem o que tinham achado.

Nesse momento notamos grande tumulto e inquietação dos participantes. Alguns pronunciaram que gostaria muito que continuasse embora não justificassem o motivo. A maioria disse que “foi muito legal”, mas sem maiores complementações.

Entendemos este movimento como revelador da imensa angústia frente a algo que estava sendo muito bom e que terminou. Assim evitavam contato do término através do tumulto e inquietações nos quinze minutos finais.

Frente a essa situação dissemos que voltaríamos, mas ainda não tínhamos um dia preestabelecido. Ao finalizar uma das participantes se aproximou da estagiária interrogando:

Adolescente: Dona pode engravidar menstruada?

Estagiária: Como? Qual é a sua dúvida?

Adolescente: É que uma amiga minha de 11 anos teve relação com um menino de 12 anos. Aí ela está preocupada porque não sabe se engravidou.

Estagiária: Para engravidar precisam ocorrer vários fatores: estar ovulando para o espermatozóide encontrar com o óvulo... (interrompe a estagiária).

Adolescente: É, como dá para saber se o menino tem espermatozóide? Não é depois dos 14 anos?

---

[1] Que consiste em desenhar em um papel manilha o corpo humano com todos os órgãos, só que neste caso os meninos desenharam o corpo feminino e as meninas o corpo masculino. Posteriormente foi pedido para que escrevessem os sentimentos que sentiam na cor e local que achavam.

## 5. Considerações Finais

---

Os trabalhos com adolescentes voltados para a orientação sexual e reprodutiva são de grande importância. No entanto, essas orientações na sua maioria, são realizadas nas escolas e/ou por outros meios, sendo que, a base educacional a qual deveria se dar na socialização primária (família/ afetividade) não acontece, sendo relegado para terceiros, atribuindo mais esta responsabilidade a instituição escolar.

Além da aprendizagem de cunho afetivo, é na e pela família que os valores presentes em cada cultura são passados, bem como a compreensão à cerca da sexualidade e suas vivências. Sendo a família o lócus de projeções, identificações, mitos, crenças e idealizações.

Portanto, os trabalhos referentes à educação sexual devem se dar em conjunto (adolescentes/ família), uma vez que só as informações não dão conta da amplitude que envolve tanto a identidade sexual quanto às escolhas que norteiam uma vida sexual saudável. Sendo assim, a sexualidade está inserida no contexto cultural, envolvendo normas, valores e condutas pré ditas pela sociedade em que o indivíduo está inserido, e que acabando influenciando em suas escolhas.

## Referências Bibliográficas

---

OLIVEIRA, Maria Waldenez. Gravidez na adolescência: Dimensões do problema. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 45, julho/ 98

ADOLESCER: Compreender, atuar, acolher: Projeto Acolher/ Associação Brasileira de Enfermagem. – Brasília: ABEn, 2001.

LUZ, Anna Maria Hecker. Mulher Adolescente: Sexualidade, Gravidez e Maternidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.